

Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón Milão, 20 Novembro 2013

Textos de referência: J. Carrón, Como nasce uma presença?, sup. Passos-Litterae communionis, n. 9, Outubro de 2013, pp. I-XVI.

- *You*
- *Liberazione n. 2*

Glória

Tínhamos combinado trabalhar sobre a segunda parte da Jornada de Início de Ano. Começo por ler uma das perguntas que surgiram na última Escola de comunidade, e que nos permite avançar no trabalho: «Fiquei impressionado com muitas coisas da última Escola de comunidade e a dada altura houve uma coisa que realmente me surpreendeu, que foi quando tu perguntaste: “Como é que acontece, como é que também re-acontece, para aquelas pessoas que num dado momento lhes é difícil e participam no mesmo gesto e não experimentam a vibração?” Eu comecei logo a pensar em todas as coisas possíveis negativas: claro, não re-acontece porque estás na posição errada, estás fechado, e por isso não vês as coisas. No entanto, tu surpreendes-me dizendo: “É o desígnio de Deus [...] que [...] dá a graça a alguém para continuar a suceder diante dos nossos olhos, para que através dele, através do seu testemunho, possa chegar também aos outros o mesmo eco do início”. Impressionou-me mas não diminui o problema, talvez pelo meu temperamento ou pelas circunstâncias, algumas das quais fui eu que as criei. Quase sempre, o facto de que aconteça a outros, para mim não é uma graça, não é um dom, mas parece quase sempre uma confirmação que os outros chegam aonde eu não consigo chegar. É como se o facto de o ver noutros não eliminasse duas objecções fortes. Primeira: a dúvida que no fundo, a mudança e a felicidade que vejo noutros não são realmente o que eu desejo. Segunda: a dúvida que mesmo que seja o que desejo, nunca chegarei lá e nunca perceberei. Gostava de te perguntar como posso mudar esta minha posição. Parece-me que, no fundo, se uma coisa não me acontece é porque não é o meu nome a ser chamado, mas o dos outros; como se até no movimento a grandeza fosse só para alguns, e não para todos». A mesma coisa escreve-me outra pessoa: «Que algo aconteça a outro é também um sinal de esperança para mim. Teoricamente isto sustenta-se até certo ponto, mas na prática não se sustenta porque quem deve fazer a experiência sou eu». E como faço experiência se não através de outro? Como é que vocês fizeram experiência na vossa vida senão através de outro que tinham à frente? Mons. Giussani, quem era? Um anjo do céu? Ou era outro através do qual acontecia, tal como referimos na última Escola de comunidade citando-o, um «eco daquele acontecimento» no presente? Não há outro método! Acontece através de outro, porque este foi o método de Deus, desde Abraão até hoje: escolher um através do qual chega aos outros. Então, não é que aconteça aos outros e não me aconteça; acontece a mim através dos outros, como sempre foi. Ninguém estaria aqui – ninguém! – se não tivesse acontecido alguma coisa a outro. Logo a questão é se eu, quando vejo acontecer a alguém – qualquer que seja a pessoa que o Mistério escolheu para chegar até mim – continuo a objectar que, como não me acontece segundo a imagem que tenho de como deveria acontecer, então não acontece. Acontece! Tanto é verdade que dizemos que acontece aos outros. Por isso cada um de nós deve decidir diante do que acontece, porque quando o Senhor faz acontecer diante de mim, então é porque é a mim! Todos o experimentámos e não pensamos em escapar dizendo que não o vimos ou que, aconteceu a outros e não a nós. Aconteceu também a mim porque me foi dado através de outro; não há outro modo. Este é o conteúdo das palavras de Jesus: «Se não ouvirem Moisés e os Profetas, mesmo que os mortos ressuscitassem não ficariam convencidos». É aqui que se joga a nossa posição diante do real: se nós nos deixássemos realmente mudar diante daquilo que acontece. Jesus era a última coisa que poderia ter passado pela cabeça daqueles que viveram no Seu tempo, como método escolhido por Deus para chegar a todos. Cada um de nós deve olhar para este método. Há também outra questão que ainda espanta mais: todo o acontecimento cristão chega-nos

a todo o momento através d totalidade da vida da Igreja. Recentemente – mas acontece-me frequentemente – uma pessoa contou-me que diante de amigos que estavam a passar dificuldades graves, ela cita um texto da Bíblia ou alguma coisa que ouviu dizer ao Papa. Poderia parecer a coisa menos pessoal, a coisa menos adequada ao problema que tem aquela pessoa que está diante de nós. E porque é que o cita? Porque esta resposta objectiva, que é o anúncio cristão, é a única que pode responder ao problema pessoal! O exemplo gritante é o do maior limite que temos: diante da morte não há nada mais resolutivo que anunciar que Cristo ressuscitou (tal como, diante do nosso mal, não nada maior que dizer: «Os teus pecados te são perdoados»). Digam-me se há algo mais pessoal, de mais adequado à minha necessidade que não seja o anúncio cristão! É por isso que me espanta que muitos tenham reduzido o “dizer o meu nome” a um sentimentalismo que já não se aguenta! E o mais grave é que este sentimentalismo cancela da face da terra e da face da nossa vida o facto que nós, todos nós- como dissemos em Assago – fomos escolhidos: «É uma escolha objectiva que não conseguimos arrancar, é uma penetração do nosso ser que não depende de nós e que não podemos cancelar [...]. Não existe nada [...] mais revolucionário que isto». Isto é que é real, objectivo. E mesmo que neste momento me pareça que não me faz vibrar como já fez no passado, não é porque seja menos verdade, não é porque seja menos consistente, não é porque seja uma resposta menos adequada ao meu problema e à minha situação pessoal. Se não vibro é porque olho como algo “já sabido”, e não me ponho diante com toda a minha necessidade, com tudo de que realmente é feita a vida, para ouvir toda (mas toda!) a resposta que o anúncio cristão traz consigo. Então amigos, se não nos damos conta de que todos nós fomos chamados pelo nome – voltaremos a este ponto nos Exercícios da Fraternidade – depois vem ao de cima o problema da segunda carta que li. Percebem porque é que Giussani se importava com a questão da personalização da fé? Porque se o anúncio cristão não se orna meu, estarei sempre em maus lençóis. Escreve-me um de vocês: «Escrevo-te para contar dois pequenos episódios que me aconteceram, mas que provocaram dentro de mim um grande turbamento, porque depois de 40 anos de movimento, descobri que ainda estou no início do caminho. Depois do trabalho fui fazer um passeio numa estrada da minha cidade. Havia muita gente. A dada altura, dois jovens pararam-me (penso que fossem evangélicos) pois queriam falar-se do seu culto. Eu, mal percebi quem eram – ou melhor, não quem eram mas o que queriam – reagi com petulância: “Vocês dizem isso, mas eu encontrei Jesus, por isso não conseguem convencer-me e, se quiserem, digo-vos eu a verdade”. Passaram poucos minutos e eu afastei-me, satisfeito por os ter posto no lugar, assim rapidamente. Mas logo a seguir fiquei insatisfeito. O que é que contei de mim? Nada! Opus ideologia contra ideologia. Passados poucos minutos acontece o segundo episódio. Volto para o hotel onde estou alojado e fico a falar com o porteiro, pergunto-lhe como está e diz-me que sofre da coluna. “Eu sei tudo sobre dores na coluna; há 40 anos que sofro da coluna!”. E digo-lhe tudo o que é preciso fazer para estas dores, e o que lhe digo é de tal modo verdade que o convenço mais do que o médico. Vou-me embora todo satisfeito. Mas a partir daquele momento já não fiquei tranquilo. Porque sobre um tema banal, a dor na coluna, eu fiz referência (justamente) à minha experiência. Mas quando se trata de Jesus ou sobre o movimento eu digo o discurso. Porquê? Apesar disso eu estou certo daquilo que encontrei, não tenho dúvidas. Mas faço o discurso. Mas eu fiz experiência, e no entanto não olho para ela e faço o discurso. Não quero acreditar! Este episódio foi há quinze dias, e desde aí que não estou em paz [percebo-o]. Tens mesmo razão que é preciso decidir seguir Mons. Giussani, e segui-lo sobretudo no método. Porque é que não faço referência à experiência, e em vez disso teorizo?» Porque tantas vezes não é verdade que façamos experiência. E é por isso que me escreve outra pessoa: «Mas como é que se faz para que se torne caminho a experiência da Madalena? Porque a mim acontece-me como se cada manhã eu devesse voltar a mendigar a mesma experiência para poder viver e no dia seguinte percebo que estou sempre necessitada de a voltar a fazer, mas entre as duas experiências há um vazio enorme de escuridão, e a única esperança de encontrar alguém com aquelas características incomparáveis é uma necessidade para viver. Como é que se tornou caminho para ti?». Aqui, amigos, encontramos a questão fundamental de método, porque se nós não fazemos experiência, no fim não temos outra coisa para comunicar a nós próprios e aos outros, senão um discurso. Quando falamos do sentir-se

chamados pelo nome, fizemos experiência ou não? Ou foi apenas o discurso de alguém, e nós não temos nada a ver? Porque é que isto é decisivo? Porque sem isto, aquilo que vivo não aumenta em mim a certeza, e por isso fico sempre à mercê de tudo o resto.

Pelo contrário, Mons. Giussani disse-nos sempre que a experiência é o que me faz crescer, não é experiência se eu não cresço na autoconsciência de mim. Desculpem se me demoro. Na semana passada, durante um encontro dos universitários, uma rapariga contou-me de uma amiga, que interveio na Escola de comunidade da faculdade, em que contou que tinha estado a fazer um serviço social (médico e higiénico) para as prostitutas, e todas as pessoas recusavam fazer esse serviço. «Fartei-me de receber recusas e a uma delas apenas perguntei: “Como estás?”. Desde aí começámos a falar, convidei-a a tomar um café e até consegui estabelecer uma relação e, no fim, acabou por aceitar aquilo que eu oferecia.». E a rapariga que guiava a Escola de comunidade disse-lhe: «Reparaste como eras uma presença?». Mas a outra continuou: «Depois tive um diálogo com outra prostituta que me disse: “A vida é para chorar” e eu, diante disto, não sabia o que dizer», reconhecendo que não fui uma presença. Nessa altura eu interrompi e disse à rapariga que conduz a Escola de comunidade: «Enganas-te. Porque é que aquela rapariga tinha razão ao dizer que não era uma presença? Primeiro porque não fez uma experiência. Se outra pessoa to deve dizer para que te dês conta, quer dizer que aquilo que tu viveste não foi ajuizado. E por isso, diz Giussani, não é experiência. E qual é a prova provada que não cresceu, que não fez uma experiência verdadeira? O facto de quando a prostituta lhe disse que a vida era para chorar, ela não tinha nada para dizer». Frequentemente, nós não sabemos o que dizer! Por isso temos uma dúvida que é preciso dar-se conta. E cito Giussani: «a “experiência” conota o facto de se *dar conta de crescer*» (Educar é um risco). E por isto é preciso que cada um se dê conta do que lhe acontece na vida, fazendo a comparação com as exigências do coração, porque senão não crescemos e podemos estar vinte anos ou quarenta anos no movimento, mas de modo formal. É por isso que Mons. Giussani diz: «A nossa companhia ou se torna experiência ou então torna-se perigosa: porque os que ficam vivem como rebanho». (*Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, Bur, Milano 2007, p. 249). O que é que isto quer dizer? Quer dizer que não serve para nós crescermos, visto que não crescemos na autoconsciência, e depois impede-nos estar diante do real com todos os seus desafios. De facto, qual é o sinal desta ausência de autoconsciência? Tal como dissemos no Exercícios, é o desalento diante dos desafios do viver. Mas nem sempre é assim e, de facto, existem os testemunhos de como é possível enfrentar os desafios do viver se uma pessoa fizer uma experiência.

Há pouco mais de um mês nasceu o Giacomo, o meu quarto filho, e depois de dezanove horas de vida partiu para o céu porque sofria de uma malformação grave, a mesma tinha tido a minha primeira filha, nascida e morta há onze anos. Quando o soube ao terceiro mês eu estava literalmente desesperada, parecia-me uma injustiça enorme e pensei realmente que desta vez ia interromper a gravidez, de tal maneira eu me sentia zangada com Jesus e fraca e incapaz de levar por diante mais esta provação. Porém nada me correspondia, nem interromper a gravidez nem levá-la por diante de uma forma moralista. Sentia-me presa numa armadilha, e na cabeça e no coração martelava-me a pergunta que tinhas feito nos Exercícios: «Do fascínio por Cristo o que é que restou?». Eu tinha-o perdido e procurava-o. Porém, no desespero mais total eu tinha o pedido, talvez inseguro e débil, de que nada fosse perdido e de reconhecer naquilo que acontecia um Pai que tinha um desígnio bom para mim. Por sorte um médico ginecologista, meu amigo muito querido, disse-me que, face à minha quase decisão de abortar, podia pedir conselho ao arcebispo da minha cidade. Acho mesmo que através deste médico Jesus me chamou pela primeira vez, delicadamente, mas chamou. Confiei e, assim, deu-se o encontro com o cardeal, um encontro extremamente forte, não apenas pelas palavras que nos disse, mas pelo abraço, o olhar, a certeza que nos transmitiu. Ao sairmos, tanto eu como o meu marido sabíamos ter encontrado Jesus e que, a partir desse momento, nunca mais estaríamos sós e que o nosso limite e o nosso cansaço não seriam uma objecção à verdade. Fui olhada e então vi, como dizia Santo Agostinho e como nos disseste tu. Comecei a ver a realidade não através da ferida que abria mas por aquilo ia poder

receber de Jesus se eu seguisse em frente. E depois disso vivi uma superabundância de presença, na carne, nas caras, nas palavras de amigos e da Igreja inteira, e era um abraço nunca sentimental, mas que me curou, me fez mudar o modo inicial de enfrentar o real tornando a realidade amável, não apenas uma coisa que é preciso suportar sustendo a respiração. Mas quando, no decorrer de uma ecografia lá para o quinto mês, vi claramente que o Giacomo não só não se curava como, pelo contrário, as suas malformações aumentavam, perdi repentinamente o equilíbrio. Nesse momento percebi que enquanto eu desejava o meu filho são, Jesus o amava tal como era, e senti-me péssima, propriamente como uma criança diante do pai ao perceber que ele já decidiu. Todavia, no sofrimento sufocante daqueles dias eu deixei de pedir o milagre da cura, pedia somente que Jesus não me deixasse, que continuasse a conceder-me a Sua força. Precisava unicamente de Jesus, mais que de um filho escorreito, porque compreendia que, sem Ele, eu naufragava na minha ferida. E nos meses seguintes, até ao dia do parto, continuei a pedir que me mostrasse a Sua força e a Sua ternura. Dizia mesmo estas palavras nas orações. E agora que o Giacomo nasceu acho que Jesus respondeu totalmente a este meu pedido. Naquelas dezanove horas de vida Jesus dominou, realmente, aquele quarto de hospital, tanto que não só os nossos amigos, mas médicos, enfermeiros, parteiras, gente não crente, todos quiseram participar admirados com esta vida e estavam sempre a agradecer-nos, e eu e o meu marido estávamos surpreendidos com tudo o que Jesus, através de um pequeno bebé gravemente ferido, estava a originar exactamente ali no hospital, num ambiente dominado pela cultura do descarte. O Giacomo existia e parecia dizer: «Nasci e agora estarei convosco para sempre». E depois viam-nos a nós, uma mãe e um pai que, na ideia deles, deveriam estar destruídos pelo desespero e, em vez disso, estávamos inexplicável mas realmente felizes, porque agradecidos e comovidos por esta vida inesperada. No fundo tenho a certeza que todos, entrando naquele quarto, eram aferrados por Jesus; cientes disso ou não, Jesus aferrou e dominou toda a gente. Sem nós fazermos nada, Ele transfigurou a realidade. Quando tu fizeste uma assembleia na nossa cidade, o meu marido convidou a enfermeira-chefe, que não é do movimento, porque lhe queria dar a conhecer o lugar que nos gera e que nos permitiu aderir assim à realidade. Ela veio, moveu-se, e agora dizem-me que no hospital já não é a mesma pessoa, ela e alguns médicos propuseram até formalizar um percurso de acompanhamento para crianças como o Giacomo, coisa absolutamente impensável antes, porque as crianças como o Giacomo para a cultura dominante nem sequer deveriam nascer. Agora, ao retomar o rame-rame da vida quotidiana, é claro que ainda me vou sentir entalada na realidade, mas por sorte tive a experiência desta Sua vitória e desta Sua presença carnal na cara dos meus amigos, aos quais aprendi a dar o Seu nome, e este vai ser sempre o ponto da retomada. Esta certeza, que antes era débil e sempre ao sabor do vento, é a maior dádiva que o Giacomo me deixou e pela qual estarei agradecida para sempre.

É Ele que transforma a realidade gerando uma presença assim.

Eu permito-me intervir sobre aquilo que contou a nossa amiga – espero que me desculpes por fazê-lo –, um bocado instigado até pelo que disseste na introdução: aquilo que de verdadeiro acontece a outro, acontece-me a mim. E portanto gostava de dizer o que me aconteceu agora ouvindo este relato. Penso que, pelo menos para mim, o que ela agora contou é o exemplo mais significativo, mais sinteticamente penetrante, diria, de todo o conteúdo da proposta da Jornada de Início de Ano. Em síntese, está lá tudo, sobretudo o facto de que isto, para mim, desfaz toda e qualquer réstia de suspeita de que a presença nasça, comece com uma iniciativa nossa, como se houvesse o olhar de Outro – Cristo que me chamou pelo nome – e depois me competisse a mim “gerar” uma presença. O que a mim me impressionou foi o facto, que se percebe bem, de que ela e o marido não tinham o “problema” de dar testemunho aos outros, mas sim de viver essa situação. E para poderem viver essa situação procuraram o único apoio que lho podia permitir, que são todos aqueles a quem pertecem, o juízo da fé. E o que a mim me impressiona em tudo isto é que, realmente, uma pessoa passa a ser instrumento de uma coisa impensavelmente maior porque a busca, não porque a tem de explicar aos outros, porque a procura, porque lhe é indispensável para poder viver. Nós estamos

certos de qualquer coisa e talvez essa certeza seja inicialmente frágil, e Deus dá as circunstâncias para que cresça, para que seguindo-O dentro da circunstância eu possa aprender a amá-Lo. E então aprendo a amá-Lo, e amando-O, reconhecendo-Lhe o rosto que aos poucos se vai definindo, aprendo a amar aquele bebê, ou seja, começo a amar aquele bebê por aquilo que ele é e não pelo que deveria ser. Amo-o pelo seu destino. E os outros, que estão a ver, começam também eles a desejar conseguir amar assim (razão pela qual se começa a pôr a hipótese de formar um percurso para as crianças como o Giacomo). Quer dizer, este amor é desejável porque o que faz um gesto ser grande não é a circunstância dramática, não, o que faz um gesto ser grande é aquilo que ela contou, que uma apessoa aprende a amar – aprende! – a amar Cristo, e aprendendo a amar Cristo aprende a amar tudo. Através de tudo quanto é dado ama mais a Cristo e portanto ama tudo. Estava-me a lembrar do que li nas primeiras páginas da Vida de don Giussani: o que dá gosto à vida, o que nos torna grandes, é estarmos “amassados” com Ele, ou seja, sermos da mesma massa, que é também o que impressiona os outros. Nós podemos tentar mostrar tudo o que quisermos, mas o que impressiona é aquilo que é verdadeiro para nós até ao fundo, aquilo que gera uma certeza em nós.

O que nos conta a nossa amiga é um exemplo que, quando a vida aperta, o que nos vale é viver todo o alcance do anúncio cristão que nos foi feito; é aderindo a isto que uma pessoa pode estar diante das circunstâncias. É através das circunstâncias que cresce o amor a Cristo, porque é a verificação que Cristo nos sustenta. Não nos sustenta “antes”, sustenta-nos “dentro” destas circunstâncias. Se uma pessoa não faz experiência disto, substitui Cristo pelo discurso. Aquilo que nos faz passar do discurso à presença é o facto de tu veres acontecer ali mesmo, sustenta-te ali, no meio do problema. E o que é que isto tem como resultado (para ver como tudo está unido na Jornada de Início de Ano)? Que surge uma presença que se coloca no real, não fora do real. Vivendo a vida, uma pessoa coloca, mesmo ali, entre os médicos, o Chefe de Sala, os enfermeiros, as pessoas que estão à sua volta, uma modalidade diferente de viver o real, que é verdadeiramente uma perturbação, e não porque acrescenta alguma coisa àquilo que existe, não, mas simplesmente porque põe diante de todos uma diversidade desejável. Algumas pessoas daquele hospital vieram depois à assembleia daquela cidade, unicamente para ver o que é que estava na origem daquilo que tinham visto nela. E um deles quase que se zangou, e no fim da assembleia disse-lhe: «Mas porque é que não me tinhas dito que era preciso pagar o fundo comum?». Sem sequer pertencer ao movimento! Porque era a primeira vez que ouviam falar do fundo comum, nos avisos. Uma pessoa que participa numa coisa assim, mesmo que não tenha acontecido directamente a si, experimentou por si alguma coisa, sim ou não? Como é que é possível, de outra forma, que estivessem numa assembleia nossa, visto que é gente diferente por cultura, como mentalidade, como pensamento? Então como é que é possível gerar uma presença? Somente pela fé. Por nada mais, nada! Digam-me se alguma coisa teria podido gerar uma presença no real que desafiasse mais! Digam-me que outra coisa, senão algo assim! O que é um presença? Quando acontece, é fácilmo reconhecê-la. Então, em que é que este testemunho corrige a imagem que nós temos de uma presença? O que é que temos que aprender sobre a origem que gera uma presença assim? Porque o que é espantoso é que, assim como nos espanta a nós, espanta os outros, não é que tenhamos necessidade de uma coisa e ou outros de outra: é o mesmo, idêntico.

Nós não temos necessidade de mais nada que comer e beber, viver e morrer. Esta é uma Presença que “perturba” o ambiente. Aqui vemos que, sem ter que fazer outros acrescentos, o testemunho simples de uma modalidade de enfrentar a realidade, de viver uma circunstância, é aquilo de que todos estão à espera. Porque a presença não é aquilo que decidimos. A presença é aquilo que é, todos o vêem e todos o reconhecem, os que estão dentro e os que estão fora, não há uma presença “para nós” e outra “para os outros”. Quando uma presença está, todos a reconhecem. Então a questão é: como é que se vive assim? O que é que torna possível que eu, vivendo a vida assim como me aparece, com todos os desafios que a vida me coloca, ponha uma diversidade no real? De outra forma, ninguém quererá saber da nossa presença. Pelo contrário, quando vivemos os desafios de todos tendo nos olhos aquilo que a nós nos aconteceu, colocamos no mundo uma presença que

todos desejam. Depois, cada um terá que decidir como responder ao desafio de ter visto esta presença. Isto é uma coisa de cada um, de uns e doutros, e também nossa. Mas esta é uma presença que não deixa ninguém indiferente. Sem polémicas, simplesmente pelo facto de se colocar. Isto é aquilo que D. Giussani está a tentar fazer-nos perceber quando fala da personalização da fé. Porque é que lhe interessa a personalização da fé? Porque, de outra forma, nós não poderemos fazer experiência disto. E em que é que se vê? Como repetimos nos Exercícios, em que é que se vê que não aconteceu em nós esta personalização? No desnorte do adulto diante das ocorrências da vida. A questão é: nós queremos aprender a estar no real assim, em qualquer circunstância do trabalho, da família, com os filhos, com os amigos, ou reduzir tudo simplesmente a uma série de episódios emocionantes, mas sem história? Isto parece-me uma questão decisiva, e é aquilo a que o Papa nos está constantemente a convidar: quando convida a despertar nos nossos contemporâneos a vida da fé, o que é que pretende? Suscitar perguntas, como no início do caminho da Igreja. Porque é que vivem assim? Porque é que uma mãe pode viver assim? Ou seja, o que é que os leva a proceder assim? São interrogações que levam ao coração da evangelização, da missão: testemunho da fé e da caridade. Aquilo de que temos necessidade, especialmente nestes tempos, diz o Papa, são testemunhas credíveis, não pessoas acima de tudo coerentes. Pessoas que, vivendo os desafios da vida, com a pobreza de todos, coxeando como todos, enganando-se às vezes, coloquem uma modalidade diferente de estar no real. E despertem assim a atracção por Jesus Cristo.

Isto introduz outra questão, que surge em muitas cartas, como por exemplo nesta: «Eu quero perceber o que significa a palavra presença, quando tu dizes que é preciso “apurá-la e depurá-la [...] porque a presença está na pessoa, única e exclusivamente na pessoa” [di-lo Giussani]. Não percebo o que significa “apurar e depurar” e interessa-me sobretudo a tónica posta na pessoa, no facto de a presença estar na pessoa, única e exclusivamente na pessoa. Eu sou da geração da “utopia” e ainda agora, quando oiço esta tónica na pessoa, sinto uma coisa estranha, como se a minha pessoa não pudesse bastar. Talvez aqui a tónica na pessoa signifique, como diz mais à frente, a clareza da consciência que se chama fé [efectivamente é assim], a inteligência que identifica a consistência de tudo o que existe. Dou-me conta que, vivendo, estou muitas vezes cheia de respostas, mas não de perguntas, e que estas respostas não me levam a uma certeza, uma clareza de juízo, não me levam a consistir na Sua presença a cada instante. Porém, depois a vida trata de abrir feridas através das quais Cristo possa passar [por vezes pensamos que as circunstâncias estão contra nós, mas são a possibilidade através da qual Cristo pode passar, entrar] e vejo que, através de tudo isto, Cristo está-me a perguntar: “Em que é que consistes? O que te interessa realmente?”. Outra carta diz: «Retomando a segunda parte do texto, encontrei repetidamente uma chamada de atenção para a nossa unidade, quase como um sinónimo do Mistério de Cristo, não no sentido de uma chamada de atenção para a coerência e consistência de uma organização, mas antes como condição existencial para fazer experiência de uma presença». O que significa dizer que uma presença assim está na pessoa? Talvez seja preciso corrigir Giussani? O que significa que toda a presença está na pessoa. Isto, muitas vezes, como vem dito na carta, é percebido como se fosse uma coisa absolutamente individualista. Pelo contrário, o que significa que a pessoa é construída na relação com a comunidade cristã e que a comunidade é o lugar da geração da pessoa?

Porque então uma pessoa pode estar sozinha a fazer um gesto, mas ninguém pensa que o consegue fazer sozinho, de tal maneira que muitas pessoas dizem: «Onde é que aprendeste isto? Como é que és capaz de fazer assim?». Então, se a pessoa for leal, tem de se referir ao lugar gerador desta sua atitude. Por isso diz *don* Giussani: a companhia está no eu. Não posso arrancar a minha identidade deste lugar que me gera, porque o eu que cada um de nós é, não seria o que é agora se não pertencesse a um lugar. Neste sentido, a comunidade contribui para a construção da nossa pessoa. E pode exprimir-se, depois, em certos gestos, de modo comunitário ou de modo pessoal. Mas o modo pessoal não é individualista, porque não existiria aquela pessoa histórica com aquele rosto e aquela modalidade de estar na realidade, se não pertencesse àquele lugar. Muitas vezes, se estamos sozinhos no trabalho, pensamos: «Como estou sozinho, o que posso fazer, como posso testemunhar?». Não! Tu nunca estás sozinho, nós nunca estamos sozinhos, porque uma pessoa pode

mostrar uma diversidade de vida que faz com que surja nos outros a pergunta: «Mas porque é que tu és assim?». E para responder a esta pergunta, uma pessoa tem de se referir ao lugar onde pertence. Ou seja, no eu está toda a comunidade. Podemos exprimir isto de uma maneira ou de outra, mas a origem é sempre este lugar.

E isto é tão decisivo que até acontece com pessoas que tu não escolheste, até com pessoas com quem não simpatizas, mas sem elas tu não serias assim. A questão não é sentimental, de simpatia – mais ou menos simpatia –, que exista um lugar objectivo que me gera nova e continuamente, porque a tua vida nutre-se constantemente dos testemunhos de tantas pessoas, independentemente de serem simpáticas; nutre-se daquilo que testemunham, do que te fazem ver, daquilo a que te introduzem. E tu estás grato por ter pessoas que te acompanham assim ao destino. A questão é se esta unidade, que nos constitui, depois determina existencialmente a vida. Aquilo que determina a vida é se existe alguma coisa objectivamente presente pela qual tu vês que, independentemente de tantos limites, a pertença a esta unidade te constrói de facto, se é decisiva para ti. Se não formos a fundo nas razões pelas quais vale a pena uma pertença assim, para a construção da nossa vida, por que motivo permanecemos no movimento? Se não chegamos ao ponto de perceber o alcance desta unidade, acabaremos por afirmar a unidade de maneira formal e bastará o mínimo inconveniente para a mandar passear, mas só porque não se percebeu o que está em jogo naquela unidade.

É evidente naquilo que nos foi testemunhado hoje à noite: a mãe do Giacomo, ainda que seja ela a protagonista do drama, não é a origem da presença; a origem da presença é o lugar constitutivo onde o seu eu é constantemente gerado. Por isso, cada pessoa deve olhar para a sua experiência e ver se consegue obter esta geração sozinho. O «nós» faz parte da definição do eu, ninguém está aqui sem ter de admitir até que ponto o seu eu histórico foi gerado num lugar que o constitui. E isto mostra, de maneira real, histórica, qual é onexo entre uma presença na pessoa e o lugar onde se constrói a pessoa, a unidade a que pertence para a construção desta pessoa que cada um de nós é. A comunidade não é um ornamento ou um chapéu, é antes um lugar decisivo da geração de cada um de nós. Dizer «eu», mesmo que eu esteja sozinho, não significa uma coisa individualista, mas, pelo contrário, como testemunhou a mãe do Giacomo, que quando as pessoas vêm o que viram nela, vão ver o lugar onde ela própria é gerada. Está tudo na pessoa; viram-no nela, mas não se pode separar do lugar gerador. Dizer «eu», mesmo quando uma pessoa está sozinha, não pode acontecer sem que o eu contenha o nós, o lugar que o gerou e que o gera constantemente. Como diz Giussani, a primeira companhia está no eu. Não posso desligar a minha identidade deste lugar. Por isso, a pertença a esta unidade é crucial e não está em contraposição com o eu. Depois, de pudermos dizê-lo juntos, dizemo-lo juntos; se, como neste caso, é preciso dizê-lo pessoalmente, di-lo-emos pessoalmente. Muitas vezes, pode-se estar sozinho no local de trabalho mas isto não quer dizer que se está isolado, porque se está definido pela pertença; então, ali, depurado de tudo, pode-se testemunhar um lugar que o está a gerar constantemente. Isto vê-se na diversidade que aquela pessoa vive. Por isso, se procurarmos perceber os nexos e não opor as coisas, talvez nos ajudemos a perceber porque, se uma pessoa é tão “presença”, é-o apenas porque pertence a um lugar que o gera constantemente e o constrói. Isto é fundamental para a pessoa que, depois, de coloca inteiramente diante do real.

Queria contar um episódio em que descobri que era capaz de ajuizar de uma forma diferente. Veio trabalhar para onde eu estou uma pessoa do movimento que tinha estado antes noutra sítio onde tinha vivido uma experiência muito bonita. Quando chegou, aos poucos foi surgindo uma grande raiva por uma total não correspondência entra e aquilo que ela via e o seu desejo, até de uma forma exagerada: tudo era mau. Eu, ao princípio, limitei-me a tentar suavizar, sublinhar os aspectos bons que estou convencido que existem. À medida que o tempo passava estas críticas tornavam-se cada vez mais duras. E isto provocava nesta pessoa uma grande indignação e, à medida que falávamos disso uma acusação implícita a mim porque afirmava que havia ali qualquer coisa de bom, como se para mim tudo isto estivesse bem. Quando esta conversa se tornou explicita a este ponto, saiu de dentro de mim uma grande objecção ao seu juízo, porque percebo bem que não querer destruir é diferente de ser conivente. E pensando na minha história no local onde

trabalho, com todas as dificuldades que houve, com todo o caminho que foi necessário para construir alguma coisa de bom, dava-me conta de que esta era a realidade que me tinha sido confiada e que me era dada para guardá-la e para fazê-la crescer para a glória de Jesus. Por isso, uma pessoa não pode deixar de amar a realidade que tem à sua volta. Lendo a Vita di Don Giussani, a certa altura um excerto provocou-me um verdadeiro lampejo: Monica della Volpe, aquela que veio a ser a abadessa de Valserena, conta como foi a sua história de encontro com o Movimento. Vai a um encontro em Varigotti, fica impressionada, cede depois com hesitações, mas quando volta para casa fica novamente enrolada naquele que era o seu ambiente e volta a surgir a dúvida; então o amigo que a convidou para Varigotti leva-a a Milão. Diz: “Não sei como conseguiu infiltrar-se num almoço de “chefes” com o Gius, no restaurante. «Eu via-os a todos ali: miúdos, ansiosos para perceber uma palavra, por um olhar do chefe, insuportáveis. Depois vejo Giussani que pede para lhe trazerem uma alcachofra crua com um molho. Começa a tirar as folhas uma a uma, come-as e exclama ‘Ah., como é boa esta alcachofra! Como é boa esta alcachofra’». É tão diferente dos padres que conhece em Bolonha. Entretanto Giussani «olha para os outros, atira-lhes piadas, entre o irónico e o afetuoso, goza com eles... E de repente percebo: ama-os a todos! Conhece-os perfeitamente, vê-os perfeitamente, tão pequeninos como eu os vejo ou até mais, mas ele ama-os a todos e a cada um, apaixonadamente, como um pai»”. Lendo isto senti de repente um choque porque foi este o juízo que eu descobri de mim, uma capacidade diferente de olhar para a realidade. Perguntei-me: está bem, então o que é que isto gerou em mim? Dei-me conta de que foi um desejo, sincero e disponível, de que a presença de Jesus se manifestasse também onde não surgia como a mim me agradava, onde eu não a esperava. Um desejo que fosse real e disponível...

Disponível para quê?

Disponível a que fosse diferente daquilo que eu tinha imaginado.

Ou seja disponível a um desígnio...

...Que era diferente daquilo que eu tinha na cabeça.

Desígnio que pode desenvolver-se no tempo e não entrar como um elefante numa loja de vidros. Porque muitas vezes somos tomados pela impaciência diante da forma como as coisas acontecem, no real ou em nós. Leio por isso uma outra carta: «Vejo que muitas vezes não mudo, não emendo a minha forma natural de olhar para mim, e todas as manhãs volto a partir das minhas pretensões e de uma redução de mim, e este olhar novo tem sempre que vir de fora. Como é que pode acontecer o seguimento, um seguimento verdadeiro que consiga mudar o núcleo do meu coração e do meu olhar, de tal forma que eu possa verdadeiramente olhar assim para mim, sempre?» E quando acontece isto a quem culpamos? Devemos culpar alguém? Devemos culpar-nos a nós! Aqui Giussani volta a entrar com o olhar com que nos olhou com que olhava aqueles jovens durante a refeição, porque o tempo faz parte do desígnio de Deus e só se nós tivermos paciência de seguir é que poderá acontecer, como conta este amigo: «Vemo-la nas pequenas coisas da nossa vida, esta concepção da nossa pessoa que só é assim porque existe Um que volta a dizer o nosso nome, caso contrário estaríamos ainda a chorar pelo facto de vivermos. Não é uma abstracção é mais uma experiência do que uma concepção, e é precisamente disto que jorra uma autoconsciência de nós que é como aquela que nasceu em Maria, que já não podia olhar para si como antes, mas toda determinada por aquele “Maria!”. A minha vida mudou nas pequenas coisas da vida precisamente assim. Tentei sempre evitar olhar para aquilo que me acontecia, não queria ver as circunstâncias que me feriam, e aquelas que me aborreciam mas fazia de conta que não existiam. [É este o ponto: podemos estar aqui, no fundo, a fugir constantemente daquilo que nos acontece], andava em frente com o braço levantado diante dos olhos, tentando não me ferir ou pelo menos o menos possível. E alguma coisa mudou quando o meu marido começou a mudar. Ele começou a fazer escola de Comunidade com alguns colegas, começou a olhar-me de uma maneira diferente, eu já não sentia necessidade de defender-me constantemente dele e comecei também eu a mudar [é o método de Deus, faz mudar o marido antes de ti: concedemos ao Mistério esta possibilidade ou não?]. E comecei também eu a ir à Missa sempre que podia, quando os trabalho os filhos e as várias

obrigações mo permitiam, porque não podia resistir a agradecer-Lhe este dom. Depois o meu marido apresentou-me os seus amigos e fiquei espantada e fascinada com a maneira como eles se olhavam e olhavam para mim. Na simplicidade de um gesto qualquer havia a procura de Jesus, o que dizia à vida deles, como estar diante do trabalho, da escola dos filhos, das férias, de tudo. Tudo era abraçado, olhado, ajuizado, mesmo nas preocupações de escolha difícil, mas não censurado. Comecei a ir à Missa não apenas para agradecer, mas para pedir que isto pudesse ser também para mim, para O poder ver cada vez mais e por fim neste Verão houve a surpresa maior, quando o meu marido me disse: “Como eu gostaria que também entre nós existisse este nível de profundidade de olhar para Cristo”. Não pude resistir mais, não pude mais olhar para mim sem me sentir chamada pelo nome [através daquilo que tinha acontecido a um outro!]. Agora tenho uma grande certeza: mesmo quando caio, quando tudo me parece contra mim ou estou zangada com tudo e com todos, tenho para quem olhar para reerguer o olhar. Não é um contínuo duvidar da beleza que entrevi como fazia dantes; sou chamada pelo nome e isto já não o posso tirar de cima de mim e sinto cada vez mais frequente e mais forte a necessidade de me ajoelhar diante do Senhor e pedir-lhe tudo. Porque a evidência da minha inadequação, do meu erro, do meu limite, já não é a última palavra sobre mim, mas o que vence é a certeza de voltar sempre a ser abraçada e perdoada por Quem me quis e me dá todos os momentos».

A próxima Escola de Comunidade, terá lugar terça-feira, dia 18 de Dezembro às 21:30.

Retomamos – não temos pressa – o livro *Na origem da Pretensão Cristã*, o estrondoso cap. VIII: “A concepção que Jesus tem da vida”, um capítulo totalmente rico e em continuidade com o que estamos a dizer nestas últimas Escolas de Comunidade.

Está disponível o **Volantone de Natal**, que propões uma imagem do Presépio, de Federico Barocci (Pinacoteca Ambrosiana), e dois textos: um do Papa Francisco e um de *don* Giussani.

«O encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança sólida que não desilude. A fé não é um refúgio para gente sem coragem, mas a dilatação da vida. A fé não é luz que dissipa todas as nossas trevas, mas lâmpada que guia os nossos passos na noite, e isto basta para o caminho. Deus não dá um raciocínio que explique tudo, ao homem que sofre, mas oferece a sua resposta sob a forma duma presença que o acompanha». (Papa Francisco)

«O cristianismo é a relação que Cristo estabelece contigo, não és tu que a estabelececes com Cristo [podem substituir “a relação que Cristo estabelece contigo” com a forma de “chamar pelo nome”, há alguma diferença?] [...]. Podes não O ter fitado nos olhos até há um segundo, e Ele estabelece uma relação contigo na mesma; podes não O fitar nos olhos por mais trinta anos, e trinta anos depois, Ele estabelece uma relação contigo. A decisão para a existência é o sim que tu dizes à relação que Cristo tem contigo, como homem, como homem ferido, ferido de morte. O eu torna-se protagonista quando sabe para que é que vive, quando reconhece o seu destino, o destino à espera do qual tinha batido os pés à entrada da porta, entre o frio e do gelo, por um lado, e, por outro, o pressentimento do calor que emanava do interior da casa. (Luigi Giussani).

Começou a campanha de assinaturas da **Tracce**. Não é por acaso que o slogan é: “Faz uma oferta a um amigo”: oferecer uma assinatura da revista é um dos modos simples para dar a conhecer a nossa experiência a amigos, colegas e por aí fora. É um modo de comunicar às pessoas o que temos de mais querido. Por isso recomendo, cada um pense entre as pessoas a quem quer dar a conhecer, pôr nas suas mãos um instrumento através do qual possa chegar uma migalha do que nós recebemos, é como “tocar o manto”.

Acolhendo o apelo do Papa Francisco, o Movimento promove uma angariação extraordinário de fundos **em favor das populações das Filipinas atingidas pelo furacão Haiyan**. Os fundos recolhidos serão usados seja para participar na caridade do Papa – que através do Pontifício

Conselho *Cor Unum* que apoia o trabalho de assistência em favor dos desabrigados e das vítimas de inundações – seja para as eventuais necessidades dos amigos do Movimento atingidos pelo furacão. No site do movimento, encontram-se todas as coordenadas para poder transferir.

Recordo-vos a oração todos os dias pelo Papa Francisco, como escrevi na carta depois da audiência que tive com ele.

Veni Sancte Spiritus